

## *Rhynchophorus ferrugineus* (Olivier)

### UMA PRAGA QUE AMEAÇA AS PALMEIRAS NA REGIÃO NORTE



Adulto de *Rhynchophorus ferrugineus* (Olivier)

No âmbito do regime fitossanitário comunitário, cabe ao Ministério da Agricultura do Desenvolvimento Rural e Pescas, através das Direcções Regionais de Agricultura e Pescas (DRAP's) enquanto organismos regionais seus representantes, o papel de garantir a protecção fitossanitária às culturas agrícolas, concretamente aos vegetais e produtos vegetais, nomeadamente evitando a introdução e dispersão no País de organismos que lhes sejam nocivos.

Nestes organismos, que podem ser prejudiciais às culturas vegetais, ou aos produtos de origem vegetal, incluem-se, no geral, insectos, bactérias, fungos e vírus.

Neste contexto, compete-nos também a divulgação sobre potenciais organismos que se revelem nocivos, pelo que a presente nota informativa visa alertar e informar sobre o “escaravelho-da-palmeira” - *Rhynchophorus ferrugineus* (Olivier), uma vez que este insecto, presente desde 2007 no Algarve, propagou-se rapidamente até ao Centro e foi detectado em 2010 na Região Norte.

É causador de consideráveis **prejuízos** em espécies de *Palmae*, levando à **morte das plantas**, pelo que requer **medidas especiais de vigilância, prevenção e combate**.

Devido a esta praga ter sido considerada uma séria ameaça, a União Europeia decidiu a adopção de medidas de emergência contra a introdução e a propagação na Comunidade do *Rhynchophorus ferrugineus* (Olivier), insertas na Decisão Comunitária nº 2007/365/CE de 31 de Maio, alterada pela Decisão Comunitária nº 2010/467/UE de 17 de Agosto que revê os vegetais susceptíveis e as medidas a adoptar caso se detecte a presença deste organismo.

### O insecto e espécies susceptíveis

A fim de estarmos devidamente atentos na Região Norte, importa apresentar o insecto em causa, e prestar informações sobre os procedimentos a ter em conta.

Muito sucintamente, o *Rhynchophorus ferrugineus* é um coleóptero da família dos curculionídeos, tem a forma de um besouro de cor vermelho-alaranjada, com a cabeça caracterizada por um rosto em bico, medindo entre 1,5 e 4,5 cm de comprimento. O seu ciclo de

vida compreende os estados de ovo, larva, pupa e adulto e completa-se no interior do tronco duma mesma planta, sendo por isso difícil de detectar visualmente. Tem cerca de 4 gerações anuais. As larvas alimentam-se no interior da palmeira escavando galerias e provocando graves estragos. Os sintomas mais visíveis são folhas desprendidas da coroa e caídas no chão, orifícios e galerias na base das folhas, coroa desguarnecida no topo ou com aspecto achatado provocado pelo descaimento das folhas centrais que amarelecem e acabam por secar. As folhas novas podem apresentar um aspecto recortado em ângulo ou com pontas truncadas a direito. Uma vez destruída (morta) a palmeira, o *Rhynchophorus ferrugineus* desloca-se para outra planta, iniciando um novo ciclo.



Casulo e adulto de *R. ferrugineus*

Quando os sintomas são visíveis na palmeira a infestação já está numa fase avançada e a planta geralmente não terá capacidade de recuperação.

São conhecidas as **espécies vegetais susceptíveis**, algumas das quais vão sendo comumente utilizadas em jardins e espaços públicos e que listamos de acordo com o estipulado na Decisão comunitária nº 2010/467/UE de 17 de Agosto:

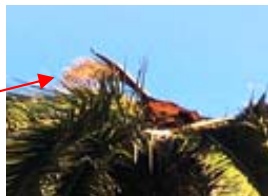
**“Vegetais susceptíveis” - vegetais, com excepção dos frutos e sementes, com um diâmetro de caule, na base, superior a 5 cm, de *Areca catechu*, *Arecastrum romanzoffianum* (Cham) Becc, *Arenga pinnata*, *Borassus flabellifer*, *Brahea armata*, *Butia capitata*, *Calamus merillii*, *Caryota maxima*, *Caryota cumingii*, *Chamaerops humilis*, *Cocos nucifera*, *Corypha gebanga*, *Corypha elata*, *Elaeis guineensis*, *Howea forsteriana*, *Jubea chilensis*, *Livistona australis*, *Livistona decipiens*, *Metroxylon sagu*, *Oreodoxa regia*, *Phoenix canariensis*, *Phoenix dactylifera*, *Phoenix theophrasti*, *Phoenix sylvestris*, *Sabal umbraculifera*, *Trachycarpus fortunei* e *Washingtonia* spp.**

De acordo com dados disponíveis, algumas espécies que parece revelarem-se mais susceptíveis ao ataque deste insecto são a *Phoenix canariensis*, *Phoenix dactylifera*, *Washingtonia filifera*, *Trachycarpus fortunei* e *Livistona decipiens*.

Complementamos ainda a informação sobre as espécies susceptíveis, com a indicação de alguns nomes científicos/nomes comuns: *Arecastrum romanzoffianum* (Cham) Becc. – Coqueiro de jardim; *Brahea armata* S. Wats. – Palmeira-azul; *Butia capitata* (Mart.) Becc. – Palmeira-da-geleia; *Chamaerops humilis* L. – Palmeira-das-vassouras; *Cocos nucifera* L. – Coqueiro; *Jubea chilensis* (Molina) Baill. – Palmeira-branca-do-chile; *Livistona australis* (R. Br.) Mart. – Livistona-australiana; *Oreodoxa regia* (HBK) O.F. Cook. – Palmeira-real; *Phoenix canariensis* Hort. ex Chabaud. – Palmeira-das-Canárias; *Phoenix dactylifera* L. – Tamareira; *Trachycarpus fortunei* (Hook) Wendl. – Palmeira-moinho-de-vento ou Palmeira-da-fortuna; *Washingtonia filifera* (Lindl. Ex André) Wendl. – Palmeira-de-leque; *Washingtonia robusta* Wendl. – Palmeira-de-leque-mexicana.

## Estratégia de controlo

O controlo desta praga deve ser efectuado numa **estratégia integrada** que envolve:



- **Vigilância**, com base na observação visual, em zonas com palmeiras para detecção das plantas infestadas, podendo recorrer-se, se recomendado, a armadilhas específicas (com uso de feromonas).

Palmeira com achatamento ao nível da coroa e morte das folhas centrais

- **medidas indirectas**, como por exemplo a selecção de espécies resistentes e sãs. Neste contexto, importa realçar a extrema importância de que se reveste, no processo de aquisição de plantas aos produtores e/ou fornecedores, verificar a **proveniência das plantas**, as quais devem vir acompanhadas pelo respectivo **passaporte fitossanitário** que garante a isenção de organismos prejudiciais e/ou de quarentena.

Apesar da dispersão deste insecto se concretizar através do voo para as plantas hospedeiras, a introdução e rapidez da infestação nas Regiões onde já existe, deveu-se, sobretudo, ao comércio de plantas ornamentais originárias de zonas problemáticas e que circulam por todo o País.

- **meios directos**, como por exemplo a **poda** em época apropriada (normalmente nos meses mais frios) e devendo aplicar-se pasta cicatrizante nas feridas resultantes dos cortes.

A **luta química**, deverá ser utilizada em casos confirmados de palmeiras afectadas, recorrendo aos produtos fitofarmacêuticos autorizados pela DGADR (Quadro 1) ou como prevenção. As **plantas muito atacadas deverão ainda ser arrancadas e destruídas**, de acordo com **orientações técnicas específicas** para o efeito, bem como realizados tratamentos insecticidas em plantas vizinhas sem sintomas, a fim de prevenir o ataque de insectos sobreviventes.



Sintomas evidentes na coroa com total descaimento e seca das folhas

Nos fornecedores de materiais de viveiro, para além da luta química, a protecção física com rede de malha fina ao nível da coroa, será outra medida de protecção eficaz a ser implementada.

Quadro 1 - Os produtos fitofarmacêuticos autorizados actualmente são:

Para aplicação direccionada à coroa das plantas

Substância activa	Concentração	Nome comercial
abamectina	20-80 ml/hl	VERTIMEC
imidaclopride	4 a 10 ml/hl	CONFIDOR

Para aplicação através de endotratamento

CULTURA	ORGANISMO NOCIVO	CONCENTRAÇÃO OU DOSE	I.S. (dias)	MARCA COMERCIAL e substância activa	FUNÇÃO	EMPRESA	APV / AV Nº	REQUERENTE	DATA DO ALARGAMENTO
PALMEIRA ( <i>Phoenix canariensis</i> Chab.) (endotratamento por injeção)	Curculionídeo ( <i>Rhynchophorus ferrugineus</i> )	20-80 ml p.c./planta (0,36-1,44g s.a./planta)	-	VERTIMEC 018 EC abamectina	AC IN	SYNGENTA	3747	AGROLOGOS	16/06/08
PALMEIRA ORNAMENTAL	Curculionídeo ( <i>Rhynchophorus ferrugineus</i> )	4-10 ml p.c./aplicação	-	CONFIDOR imidaclopride	IN	BAYER CropScience	3662	FERTINyec	23/07/08

(extraído da lista da DGADR dos alargamentos de espectros concedidos para *usos menores*, actualizada a 30/09/2010)

Relativamente à luta biológica, há estudos que apontam para a utilização de inimigos naturais, parasitóides e predadores, no controlo às formas de ovo e larva deste insecto, mas ainda sem garantia de total eficácia no terreno.

No caso da *Phoenix canariensis* (Palmeira-das-Canárias), tem sido já utilizado um produto biológico, à base de nemátodes entomopatogéneos das espécies *Steinernema feltiae* sp. e *Heterorhabditis* e N-acetil glucosamina (quitosano) que parece revelar resultados interessantes no combate desta praga (este produto não está sujeito a homologação, segundo a legislação nacional, em virtude de não ser considerado um produto fitofarmacêutico).

Para informações mais detalhadas devem ser contactados os serviços oficiais competentes da DRAP Norte ou da Direcção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural.

Contactos:

**Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Norte**

Divisão de Protecção e Controlo Fitossanitário  
Lugar de Codessais  
5000-421 Vila Real  
Tlf: 259 300 600

Divisão de Protecção e Controlo Fitossanitário - Núcleo da Srª da Hora  
Estrada Exterior à Circunvalação, nº 11846  
4460-281 Senhora da Hora  
Tlf: 22 957 40 10

Referências:

Propriedade: DRAPN/Divisão de Protecção e Controlo Fitossanitário:

Texto: Alcina Oliveira

Imagens: Mª de Lurdes Marques, Artur Melo

Bibliografia consultada:

- ➔ Decisões da Comissão nºs 2007/365/CE de 25 de Maio e 2010/467/UE de 17 de Agosto;
- ➔ Folheto "*Rhynchophorus ferrugineus* (Olivier) uma nova praga da palmeira em Portugal", DGADR/DRAPALG/INRB;
- ➔ [www.dgadr.pt](http://www.dgadr.pt)
- ➔ "Estratégia de combate ao *R.ferrugineus* em *Phoenix canariensis* (Palmeira das Canárias)", DRAP Algarve;
- ➔ Resumo "Acção de divulgação sobre *R. ferrugineus*", DRAP Centro, Outubro de 2008.